

PRINCIA VIOLET
 NOUVEAU PARFUM
 29, B^{is} des Italiens, PARIS



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physiologista da Europa, Madame Brouillart



Diz o passado e o presente e preuz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, pironomologia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambruze, d'Arpenligny. Madame Brouillart tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobre-telha. Consultas a 4\$200, 2*500 e 5\$000 réis.



A mais importante casa de AUTOMÓVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMÓVEIS.
 PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 4\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 4\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

— Não confundir a nossa casa —

MILLIONARIO!

LISBOA: QUE SE TRANSFORME
QUE AS FORTUNAS SE FARÃO.



ISTO foi ha seis annos.

Eu tinha passado o verão na praia mais elegante do

A ler os jornaes até aos annuncios

norte de Portugal como costume fazer de tempos a tempos. N'esta villegiatura predilecta da aristocracia commercial do Porto ha, realmente, boas coisas e entre estas devo mencionar, com a franqueza que me caracteriza, a duzia e meia de lisboetas que lá apparecem, uns sempre e alguns de vez em quando, lisboetas legitimas e outras que ganharam os foros de alfaias pela residencia prolongada na cidade de Ulysses.

N'esse anno de 1901 a temporada corria triste por ter faltado o prazenteiro e inexgotavel R., que Lisboa lhe envia providencialmente para evitar que os portuenses succumbam de tedio na sua *fashionable* praia.

Eu divertia-me a gozar do amavel convivio de alguns amigos e a ler os jornaes até aos annuncios; e d'esta interessante litteratura da quarta pagina proveui a maior parcella da razoavel fortuna de que hoje gozo com tranquillidade de consciencia.

Foi, com effeito, uma publicação paga que me levou a deixar a Granja pelo Estoril, para onde parti tão inesperadamente que nem eu proprio acreditaria em semelhante mudança, se m'o dissessem na vespera.

Esse annuncio não era, como se poderã supôr, o prospecto mirabolante de uma nova exploração de borracha em Moçambique ou de alguma opulenta mina de cobre na serra da Marôfa. Nada d'isso. Graças a Deus, cheguei a uma idade em que não se acredita em minas e explorações reclamadas a tanto por linha.

O annuncio em questão nem era realmente um annuncio; era um edital. Um edito da Illustrissima Camara de Lisboa tornando publica a venda de terrenos na Avenida Resano Garcia.

Dã-se o caso de que, como excellente heirão que sou, toda a vida tive um fraco pela patria de Santo Antonio, e jurára a mim mesmo não sahir d'este mundo sem possuir em qualquer cantinho da nossa capital um pedaço de terra em que pudesse erguer, com certo gosto, o modesto abrigo da minha velhice.

Os terrenos d'aquelle avenida tentaram-me particularmente pela sua situação privilegiada de caminho obrigado para os touros, unico prazer para o qual nós, os portuguezes, corremos com ancia, com entusiasmo, sendo verdadeiramente só em sua honra que vestimos os nossos melhores fatos e que as mulheres arvoram os chapéus predilectos ou as suas mais vistosas *toilettes*.

Ora eu adoro o movimento e a alegria nos outros. E' um principio. Cada um tem as suas ideias, não é verdade? Por isso pareceu-me que nunca encontraria logar tão apropriado á construcção da minha residencia definitiva, e parti directamente para o Estoril porque n'aquelle fim de setembro seria uma vergonha morar em Lisboa, e eu não desejo ser desqualificado entre as pessoas das minhas relações.

No caminho da estação do Rocio para a do Caes do Sodré, como homem de juizo que me gabo de ser, não me esqueci de passar no Credit-Franco-Portugais, para mandar pedir, por telegramma, uns 18 contos que possuia em conta corrente no Credit Lyonnais, em Paris.

A vespera do leilão dos terrenos empreguei-a no Estoril, a passear sósinho pela estrada de Cascaes, fazendo calculos, organisando planos, qual d'elles o mais cauteloso, e aconselhando-me, a mim mesmo, a maior prudencia e moderação na lucta com os concorrentes possiveis ao symulico ramo do pragoeiro.

A venda começava ás 9 horas, nos paços da cidade. Não consegui nunca saber os motivos porque esta especie de negocios se faz sempre de madrugada. Porque será? Lanço esta pergunta sem acrimonia, pois, até hoje, só tive a lucrar com isso, mas não se me dava de possuir a chave de semelhante mysterio.

Certo é que, para estar a hora tão matinal em Lisboa, levantei-me ás 5, no Estoril; tomei o primeiro comboio e fui descarrilar, com estrondo, na curva, a duzentos metros da estação, por causa de uma enorme pedra cahida, durante a noite, sobre a linha.

A' vista d'aquelle desastre, que atrozava o comboio em tres ou quatro horas, fiquei desesperado. Felizmente vinha só no compartimento de segunda classe, o que conto como uma providencia maior do que a de ter escapado incolume á violencia do choque das carruagens, porque o meu desespero foi ridiculo, isso foi. Ainda hoje quando me lembro d'esse incidente não posso deixar de concordar em que fui, realmente, burlesco.

Passado, entretanto, o accesso de raiva contra as pedras que se deixam cahir nas linhas, contra as curvas, contra a administração dos caminhos de ferro, e contra o mi-

nisterio, (não fosse eu portuguez!) conclui, sabiamente, que o melhor seria procurar, quanto antes, outro meio de locomoção. E assim fiz.

A horrivel tipoia que descobri depois de hora e meia de procura por aquelles interessantes sitios por mim mal conhecidos largou, enfim, sob a affirmativa solemne do batedor, de levar-me a Belem em uma hora, se os cavallos não falhassem.

Os cavallos, está visto, falharam. Na vespera tinham marchado por montes e vales até ás 2 da manhã, n'uma pan-dega de rapazes; e, n'aquelle momento, reclamavam o repouso a que tinham direito, adormecendo simplesmente no meio das ladeiras, apesar dos meus berros impacientes.

Depois de muito gritar e consulto relógio de dois em dois minutos, acabei por convencer-me da inutilidade dos meus esforços, e pouco a pouco, pela estrada a fóra, na frescura d'aquella manhã radiosa, sentia dissipar-se o desapontamento, o desgosto, que antes me parecera eterno.

Apezar do meu insignificante pendor para o bucolismo, comecei a interessar-me pelas bellezas da paisagem, a ponto de seguir, com certa curiosidade, a vela de um barquinho que, ao longe, sobre o azul do Tejo, se destacava ligeira e graciosa como a aza de uma gaivota immensa.

E assim, n'essa disposição de espirito, esquecido do leilão, sem rancor pelo descarrilamento, e em paternal camaradagem com o cocheiro, saltei da tipoia, por volta das dez e meia, em frente aos Jeronymos.

Como conheço muito bem este monumento nacional, por me servir frequentemente, cá fóra, de argumento, quando algum ignorante se atreve a criticar a pobreza dos

nossos edificios, não entrei e resolvi dar uma volta pelos arredores, — a vér.

Estava, porém, escripto que n'essa clara manhã de setembro devia adquirir terrenos, e adquiri-os grandes, enormes. Como aconteceu isso? Até hoje não pude encontrar uma razão accetavel. Suspeito fortemente de um rapaziço...

Mas não tenho a certeza.

O facto é que logo á direita do sagrado monumento, enveredando por uma ruella estreita bordada de miseraveis cascabelos, encontrei um velhote a pregar n'uma parede, um cartaz com esta unica palavra: — *Vende-se.*

Sem proposito algum, obedecendo, naturalmente, ás circumstancias que ali me conduziram, perguntei ao homensinho: — «O que é que se vende?» — «Muita coisa», respondeu elle na sua voz cantante de saloio, e sem mesmo olhar para mim.

Picado com a indifferença da resposta, repliquei com certo azedume: — «Pois diga o que é, homem! Estou a falar sério!»

O velho não se alterou. Atirou fóra a pedra que lhe servia de martello, fitou-me com serenidade e, lançando o braço n'um gesto de abranger toda a rua, disse: — «E' este casario. Comprei-o pouco a pouco. Está-me por 15 contos. Dou-lho por 10, quer?»

N'este instante, por um d'estes movimentos impulsivos que não tem explicação, virei-me para a esquerda

e vi um garoto de 10 a 15 annos a olhar-me com ares de troça.

Nos seus olhos negros e vivos via-se claramente que estava a dizer para si: «Es lá capaz!»

Que elles diziam isto, é positivo; como tambem é verdade que eu, por um orgulho inqualificavel, não hesitei um segundo, e gritei logo, bem alto, mais em direcção ao



«Foi, com effeito, uma publicação paga que me levou a deixá-la a Grunja pelo Estoril»

rapaz do que ao velhote: — «Pois está feito! E compro mais, se tem!»

Não tinha mais; mas o seu compadre Romão possuía uma grande quadra de terreno, do lado do rio. Já lhe tinham sido offercidos cinco contos e não acceitou. Custou-lhe seis.

A mais elementar prudência aconselhava-me a moderação; mas o meu gosto era decidir o negocio ali, sem tardar, diante dos olhos trocistas do pequeno.

Como foi preciso ir ver o terreno e procurar o compadre, o meu amor proprio esfriou e decididamente ficaria sem a quadra se o impertinente garoto não apparecesse a espreitar á porta quando o Romão, em um arranço de vendedor necessitado, resmungava o «ultimo preço» — «Cinco contos, novecentos sessenta e quatro mil réis... Perco oito libras!...»

D'ahi a tres dias, com as escripturas na mala de mão, tomei o *Sud-Express* para Paris. É caso estranho! Nem no momento de contar o dinheiro diante do notario espantado, nem na monotonia de 33 horas de vagon, nem depois, mais tarde, na tranquillidade casera, o meu espirito se preocupou com a colossal tolice financeira com que fechei aquella minha visita á terra patria.

Antes de sahir d'aqui, em julho, tinha mudado de casa, deixando tudo em arrumação summaria. Por isso, no meu novo *appartement* da moderna rua de la Muette, com janelas sobre o parque do mesmo nome, passei todo o mez de outubro, com a minha familia, a arrumar os nossos modestos *biblotés*, a collocar os livros nas estantes, a instalar-me, enfim.

Como a temperatura se conservava agradável, a *rentrée* de outubro não se fazia, e os meus amigos prolongavam, além do costume, as viagens estivaes.

Devido a esse facto pouco sabia. As tres horas abalava para um passeio hygienico e voltava ás 6 para lêr conscienciosamente o *Temps* até ser chamado para o jantar.

O costume de lêr este jornal todos os dias, a essa hora, é tão antigo para mim como o de passar os olhos pelo *Figaro*, de manhã, durante o chocolate.

Naturalmente, no *Temps* começo a leitura na secção do estrangeiro e se vejo a rubrica — Portugal — é lá que vão fixar-se os meus olhos de vista cansada.

E lá se fixaram effectivamente, a'uma bella tarde, reflectindo aos meus olhos surpresas o inesperado de estas sete linhas: «Portugal — O Rei D. Carlos presidindo ao conselho de Estado acaba de decretar, que, a partir do 4.º de janeiro proximo, o porto de Lisboa seja declarado *porto franco*. Os limites da area a elle consagrada são marcados no mesmo decreto.»

Para ser justo devo confessar que ao lêr esta extraordinaria nota, ao pensamento surgiu-me, rapida, a visão dos casebres de Belem; mas nem um segundo durou essa visão. N'aquelle momento os interesses materies não podiam turvar a satisfação de uma alma patriótica.

Como minha mulher estivesse ausente, apertei freneticamente o botão da campainha para exigir da governante o meu pequeno, que veio a correr, trazendo ainda na mão o atlas da sua lição de geographia.

Immediatamente, sem preambulos, perante essa creança de 10 annos, desatei a enumerar a longa serie de prosperidades aberta á nossa terra pela influencia do acto noti-



... Tomei o primeiro combulo.

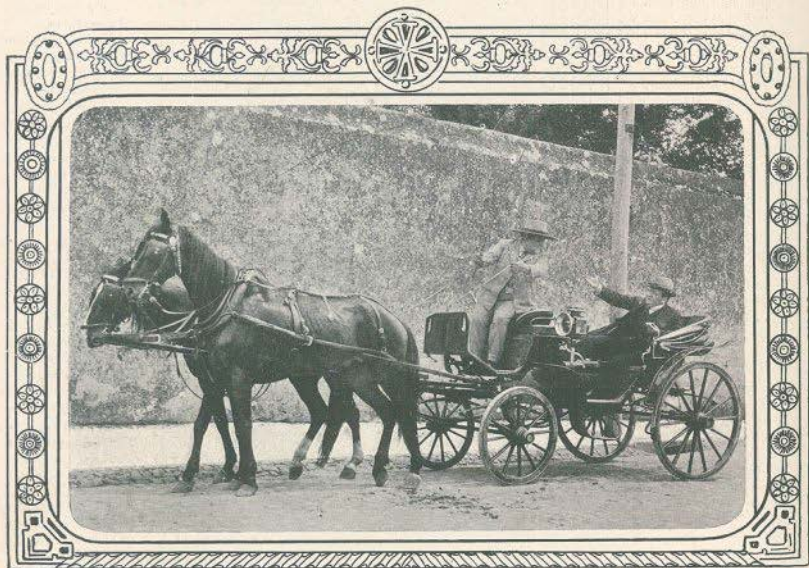
ciado por aquelle jornal critério. Tanto calor, tanto arrebatemento traduziam as minhas palavras, habitualmente calmas, que o Manuelito sentia-se impressionado. Reparei n'isso por causa do seu particular costume de procurar sentar-se quando um assumpto o interessa.

Perturbado por essa attenção ingenua, tomei o atlas e abri-o na folha do mappa-mundi. Depois, com a ponta de um lapis comecei a percorrer os mares, desfazendo-me em argumentos para desenvolver e justificar as minhas theorias.

Por fim exclamei: — «Vês tu aqui Lisboa? Ella é, sem duvida, a sentinella avançada sobre o Oceano, o pharol que deve orientar a navegação universal. Repara na sua privilegiada posição no oceano Atlantico quasi á porta do Mediterraneo! Por estes dois mares, de ora em diante, toda a navegação do mundo affluirá á nossa capital.»

trias da Europa. Em contacto maritimo com o Universo, é no Atlantico o porto mais proximo das duas Americas, o que seria o bastante para a sua fortuna, mas tem ainda ao lado o Mediterraneo por onde póde receber as materias primas da Asia e Africa, para envia-las, pelo mesmo mar e pelo Adriatico, á França, á Hespanha, á Italia, á Austria, a toda a parte! Sempre pela via maritima, que é o transporte mais barato. Aposto que não sabias?»

O Manuelito ignorava essa lei economica. Na sua idade ignoram-se muitas coisas, inclusivé a dissimulação. Por isso, depois de me ouvir durante meia hora citar cifras, comparar itinerarios e discorrer sobre as vantagens do porto livre de Lisboa confrontado com os existentes, comecei a notar que a solidéz da minha documentação estava a parecer-lhe massante, e mandei-o embora, dando-lhe ao mesmo tempo dois formidaveis beijos e um quarto



«Depois de muito gritar e consultar o relógio...»

«Olha agora para as linhas de navios que partem, diariamente, da America do Norte e do Sul. Onde vão elles abarrotados de mercadorias ou, para melhor dizer, de riquezas? Não sabes? Vão lá cima, a Hamburgo, á livre cidade que depois de se tornar opulenta está a enriquecer a Alemanha inteira, com o simples merito do seu porto franco. Observa a sua posição longinqua e afastada do trafico colonial mais importante do nosso tempo. E que difficuldades para arribar ao seu porto! Em novembro já os grandes trasatlanticos que o procuram vão abrindo caminho por entre escolhos fluctuantes — os blocos de gelo. Em communicacão, pelo Elbe, com o mais nublado e perigoso dos mares, Hamburgo egoista, que deve a sua fortuna á negligencia dos outros, serve-se a si e aos seus exclusivamente.»

«Que contraste com Lisboa, a prodiga! Ella póde ser o maior emporio commercial e o abrigo das reservas indus-

de hora de recreio, que elle aproveitou para exercitar-se no «Diavolo», o jogo da moda.

Os jornaes francezes não costumam ser prodigos em noticias de Portugal; todavia, n'essa excepcional occasião, occuparam-se de nós. O *Figaro* louvou o patriotismo d'El-Rei, e a proposito contou uma dezena de anedotas. O *Temps*, no seu supplemento, dedicou tres compactas columnas ao assumpto, prophetisando o melhor resultado para o paiz. Os jornaes nacionalistas, esses, denunciaram aos seus leitores mais uma negociata dos judeus cosmopolitas contra a França. As folhas financeiras limitaram-se a prever a alta dos fundos portuguezes.

Em resumo, nenhum publicou pormenores nem pude vê-los nos meus jornaes lisboenses porque dois dias depois, devido ao subito resfriamento atmosferico, apanhei uma pleurisia com o seu cortejo de vinte e cinco doencas, que me prenderam na cama todo o inverno.

descobrir venturas proximas para a patria e para mim.

Quando soube que o territorio do porto livre abrangia Belem, comprehendi os insultos do anônimo; e comecei a desculpal-os ao lér as duzias de propostas de compra, vindas de todos os lados, de altos personagens, de directores de bancos, de companhias, que sei eu!

De alguns pretendentes encontrei diversas cartas off-recendo-me preços phantasticos que augmentavam à medida que as datas se tornavam mais recentes.

Não dormi bem nas primeiras noites de convalença! Tive sonhos incoherentes, dispartados. . .

Entretanto, as melhoras accentuavam e acabei por obter permissão para ir até Lisboa, onde, como dizia o doutor, — *o clima calente* — em breve me havia de restabelecer.

O grande decreto, como já o chamavam, preparado no maior sigillo, fôra lançado dictatorialmente à publicidade do *Diario do Governo* de surpresa, para evitar a especulação. Essa cautela, porém, não impediu que um grupo de americanos, de passagem em Lisboa n'essa occasião, se compuzesse, entre si, para comprar todo o territorio reservado ao porto franco.

Com a rapidez de concepção que os caracteriza, comprehenderam logo que faltaria espaço, como faltou.

Faltou tanto que o terreno subiu a preços até hoje só



«Como conheço muito bem este monumento nacional. . .»

Durante quatro mezes ouvi, constantemente, a pergunta do bom dr. Duran! que, por ter habitado em Coimbra durante algum tempo, pretende falar portuguez — «*Antão como vas ó doante?*» E no decurso da molestia a correspondencia accumulou-se de tal maneira, no meu gabinete de trabalho, que, quando minha mulher a quiz pôr um pouco em ordem, recuou aterrada.

Afinal, com licença do medico, tratei de abrir as cartas: eram tantas! Logo na primeira, horrivelmente escripta, soletrei, a custo, uma ignobil descompostura, por ter sido — tão ladrão — que fui comprar terrenos a uma pobre gente de Belem, sabendo o que estava para acontecer.

Fiquei indignado! Jámais uma carta anonyma me sujára as mãos, de modo que esta incommodou-me devéras.

Outras e muitas cartas abri até que me impediram de continuar a leitura n'esse dia; e n'ellas só



«Seguiu com certa curiosidade a vela de um barquinho. . .»

conhecidos em New-York. Os jornaes citavam, diariamente, as compras realisadas. Sabia-se quem comprava, e por quanto. Verdadeiramente, á venda, só havia os que eu possuia, e o meu nome plebeu de Antonio José Pinto andava de bocca em bocca por ser o maior proprietario dos melhores terrenos para vender.

Todas as folhas noticiaram a minha chegada pelo *Sud-Express*. Algumas disseram que muita gente me esperára na estação; mas, em homenagem á verdade, confesso que

Era um assombro!

De Alcantara até Algés a destruição das antigas construcções fóra completa. Parecia que uma immensa rasoiira passára por sobre toda aquella miseria architectonica, deixando apenas de pé, solemnes, magestosas, a torre de Belem e a fachada dos Jeronymos — symbolos da nossa renascença quinhentista, que ali ficavam, erectos, a presidir á outra, á nova renascença, como marcos eternos de passadas glorias.

Sobre o espaço livre das demolições erguiam-se enormes esqueletos de palacios de ferro. No Tejo centenas de barcos de fórmãs e dimensões estranhas carregavam materias ou sustentavam machinas de aspecto monstruoso que moviam, sem cessar, possantes garras de aço, no afan de uma obra titanica.

Coisas, figuras nunca vistas n'aquelles sitios, outr'ora calmos, passavam vertiginosas como n'um cinematographo.

Por toda a parte milhares de operarios forasteiros lidavam, activos, com os variadosapparelhos do trabalho moderno, auxiliados por muitissimos portuguezes, que já comprehendiam as ordens confusas proferidas em linguas estrangeiras.

Os nossos obreiros, com o exemplo dos de fóra, mostravam-se mais senhores de si, mais homens.

A nobre fronte portugueza não desaparecia, como d'antes, sob o horrendo caustico do carapuçõ de lã. A pesada jaqueta de saragoça fóra substituida pela leve blusa azul de honrada tradição. Não vi homens descalços. E tão contente fiquei com esta pueril descoberta que, envolvido em nuvens de poeira, voltei a correr para o hotel, antes que alguma desillusão viesse sombrear o quadro que tanto me captivára.

Nó hotel esperavam-me dezenas de pessoas que o criado tivera a feliz lembrança de numerar pela ordem de chegada, nos respectivos cartões de visita. Assim não houve questões de preferencia.

Um cavalheiro italiano, representando a mais importante firma commercial de Genova, abriu a serie de visitas.

Muito me custou a vêr-me livre d'elle!

Para fortalecer a sua proposta, na qual se percebiam, disfarçadas, condições suspeitas, o arguto genovez falou da união da raça latina, citou o parentesco das familias



«O que é que se vende?»

ao saltar da carruagem só vi agentes de hoteis e carregadores a quem entreguei as malas, no que fui mais feliz do que o sr. D. Fradique Mendes, um cavalheiro nosso compatriota, que conheci aqui, em Paris, por tel-o visto passar, muitas vezes, conduzindo o seu *phaeton*, no tempo em que eu tinha o costume de ir sentar-me, ás tardes, no *Club des Pannés* — aquelle cantinho da avenida do Bosque de Bolonha á esquina da praça da Estrella.

No dia seguinte ao da chegada, muito cedo, sahi do hotel, para ir observar os progressos da preparação do perimetro livre do porto.



presidente de um banco. Tudo isso levaria um anno. Desisti.

Era um allemão, a terceira visita, e vinha em nome de industrias de Francfort. Sem exordio, e um pouco brutalmente, offereceu-me duzentas e cinquenta mil libras pelos meus terrenos; mas a praso, em l-tras semestraes. Como só gosto de negocios liquidados, não acceti; e sem demora mandei entrar dois americanos que puz ao corrente das ofertas recebidas.

Estes senhores declararam-se promptos a pagar á vista quatro mil e quinhentos contos offerecidos pelo allemão.

La decidir-me quando me lembrei do exagero das edificações americanas. Tive receio de que alguma pavorosa caserna fosse levantada ao lado dos Jeronymos, a amesquinhar o pantheon nacional, com a sua ridicula altura de vinte andares. Informei-me. Era essa a intenção aos yankees.

Recusei o milhão de libras ame-

«Vêz tu aqui Lisboa?»

«Portugal — O Rei D. Carlos, presidindo ao conselho de Estado acaba de decretar, que, a partir do 21.º de janeiro proximo, o porto de Lisboa seja declarado porto franco»

reinantes, e não se esqueceu de referir-se ao coração de Carlos Alberto.

No ardor do seu discurso exaltava-se a ponto do criado acudir uma vez, pensando que havia bulha. Deixou-me, a final, levando-me dois botões do casaco, que arrancára, retorcendo-os nervosamente, para me convencer.

Tres francezes entraram depois, a apresentar a mesma proposta. Com clareza e methodo falaram, cada um por sua vez, e de certo teria com elles decidido o negocio se não me explicassem, honestamente, que, antes da compra decidida, teria de vir de Paris uma commissão de engenheiros, seguida de outra de architectos, e, por fim, o





«Tratei de abrir as cartas: eram tantas!»

ricanas e aceitei 980 mil dos inglezes, que n'esse mesmo dia pagaram em cheques visados, no acto de assignar a escriptura.

Perdi vinte mil libras, mas satisfiz o amor proprio nacional. F'alar do que ahí está agora, no fim de seis annos, seria ridiculo. Não vejo necessidade de contar o espantoso



«Durante quatro mezes ouvi constantemente a pergunta do bom dr. Durand»

progresso do paiz, n'este espaço de tempo; e nem sequer insisto no alto valor das escolas professionaes inauguradas por S. M. El-Rei em todas as cidades do reino, com o simples recurso de artistas nossos, creados nas fabricas estrangeiras do perimetro livre.

de irrigação em via de executar-se, e á tranquillidade politica que tem reinado, justificando o dictado — «Se queres boa politica dá-me boas finanças.»

Apesar dos benemeritos esforços da Propaganda de Portugal, que está installada com duzentos empregados



«Todas as folhas indicaram a minha chegada pelo Sud-Express»

Refiro-me, por descargo de consciencia, á multiplicação das escolas primarias, á diminuição dos impostos, á espantosa intensidade da lavoura, ao fraccionamento da propriedade latifundiaria do Alemtejo graças ao plano

no seu sumptuoso palacio, riscado por Ventura Terra, no Alto de Santa Catharina, temos ainda, é certo, uma inferioridade, mas facilmente corrigivel. Refiro-me ao conforto dos viajantes. Os tres ou quatro grandes



*«Em homenagem à verdade confesso
que ao saltar da carruagem só vi agentes
de hotéis»*

(CLICHÉS DE JOÃO CARLOS COUTINHO)

hotéis estabelecidos n'estes ultimos tempos são insufficientes para a multidão de estrangeiros que procuram Lisboa e seus arredores, depois que a linha dupla do caminho de ferro da Beira, seguida na Hespanha até à fronteira franceza, nos pôz em comunicação com Paris em 28 horas, por meio de dois comboios diários: um de luxo e outro simples.

O futuro promete ser brilhante. Parece-me que, dentro em pouco, nada teremos que invejar à Bélgica. Homens emprehendedores hão de surgir. O Joaquim será um d'elles.

E já que falei n'elle, devo explicar-

me. O Joaquim é aquelle garoto que com o seu sorriso de troça me levou a comprar os celebres terrenos.

Nunca o esqueci. O contrario seria ingratição. Para contar as pesquisas feitas para o descobrir seria preciso um volume. O principal foi achal-o — e achei-o. Tudo acaba por se encontrar, n'esta vida, excepto a felicidade, que é ideal de demasiado puro para que possa ter vida e atmospheria n'este mundo de enganos e infortunios.

Depois de o fazer ganhar o seu *brevet* simples aqui, em Paris, visto ser sempre bom saber, ao menos, uma lingua a fundo, mandei-o para Londres a aprender o inglez e o desenho industrial. (Nas horas vagas joga o *tennis*), exerce todos os *sports*, torna-se, enfim, um cidadão physico util a si proprio e á sociedade em que terá de circular).

D'aqui a um anno estará na Allemanha, e seguirá, mais tarde, para os Estados-Unidos a praticar n'aquellas grandes forjas que mettem medo e que produzem milagres.

Ha de vir de lá, para Portugal, honrar a patria. Voltará, certamente, transformado, americanizado... decidido a tudo, a romper o seio da multidão com uma audaciosa serenidade, a não ter escrúpulos romanticos, sentimentaes, a saber viver, enfim. Mas nunca perderá, por mais que faça, aquelles olhos negros e vivos — os bellos olhos portuguezes.

Copiado textualmente por

A. D'AGUILAR.



*Notempo em que eu linha o costume de sr sentar-me,
às tardes, no Club des Pannés*

A FERRO E FOGO!

OS COMÍCIOS DO RIBATEJO



A caminho de Alpiarça: 1. O sr. Guilherme Meira conduzindo no seu automóvel os srs. drs. João de Menezes e Brilo Camacho, João Chagas e alguns representantes dos jornais da capital—2. O dr. Joaquim Romão conduzindo no seu automóvel os srs. José Kekas, dr. Antonio José d'Almeida e representantes dos jornais de Lisboa—3. O conselheiro dr. Bernardino Machado dando as boas vindas aos recém-chegados—4. O sr. Bernardino Machado enquanto aguardava os seus correigionários—5. A chegada do primeiro automóvel a Alpiarça: As aclamações da multidão



1. Ceifeiras de Alpiarça na ponte preparando-se para cobrir de flores os oradores republicanos—2. Uma janella florida em Alpiarça: esperando o cortejo—3. A multidão seguindo os republicanos de Lisboa—4. A um kilometro de Alpiarça, os srs. Ricardo Durão e José Malhou pedem que o cortejo siga a pé



O sr. José Malthou falando ao povo de Alpiarça de uma das janelas de sua casa—Aspecto da multidão diante da casa do sr. José Malthou, em Alpiarça



*O primeiro foguete! Apesar de todas as proibições.....—Ceifeiras de Alpiarça no pátio da quinta dos Putudos
— Em casa do sr. José Relvas: No primeiro plano a esposa do sr. José Relvas e os srs. drs. Brito Cumacho
e Bernardino Machado*



1. A mesa do comício de Almeirim: os srs. José Relvas, presidente; João Patrício e António Vinagre, secretários
 —2. O sr. Nobre de Carvalho, um dos oradores.—3. O estudante da Universidade José Montez.—4. O povo de Almeirim
 assistindo ao comício.—5. Aspecto geral da multidão no comício de Almeirim dentro do antigo pátio das cavalleriças reais



Em Santarém:—1, Um aspecto da assistência na praça de Santarém—2, Na estrada de Almeirim a Santarém—3, As mulheres nas bancadas da praça de touros, onde se realizou o comício—4, O sr. José Reivas orando—5, A tribuna presidencial no comício de Santarém—6, A atenção com que os oradores são escutados—7, Uma parte da assistência na arena—8, Curiosos na estrada de Almeirim para Santarém—9, Aspecto geral de um lado da praça

(CLICHÉS DE BENOJEL)

Os grandes acontecimentos políticos

● ● ● ● A VIAGEM AO PORTO ● ● ● ●



As manifestações na gare de Coimbra—A chegada: o presidente do conselho azzomando à janella da sua carruagem—O tenente coronel Dias dispersando os manifestantes (+)—Pulmas e assobios—O filho do sr. presidente do conselho, estudante da Universidade, tentando acercar-se do comboio (+)



No Porto—Entre S. Bento e a Praça Nova, O público hasteando nas bengalas o manifesto de protesto que fôra largamente distribuido—Saindo da estação de S. Bento—Na occasião da entrada do presidente do conselho para a sua carruagem



Oficiais do exercito que entram e saem da casa do sr. Jose Novaes, onde vão cumprimentar o presidente do conselho
Na rua Formosa: Intervenção policial. Uma primeira phase: o popular ajuda de pé. A policia
impede que se photographe a segunda phase: estendido na calçada—A multidão apinhada nas escadinhas
de Santo Ildefonso—A policia, dirigida pelo capitão Salgado, tentando destruir
a multidão á entrada da rua de Santo Antonio



No regresso dos cumprimentos ao sr. João Franco—Na rua de Santa Catharina: populares com o manifesto afixado nos chapéus—Outro grupo de volta de casa do sr. conselheiro José Nogueira.



Na rua Formosa:—Só podem passar os cartolas!—Na rua de Santa Catharina: A policia arrastando um popular preso.
—O commandante da guarda municipal rua Formosa abaixo.



No anjo da refrega--Aqui é que foram ellas!

(CLICHÉS DE BENOLIEL, ENVIADO ESPECIAL DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»)

O GRANDE INCENDIO NA COVILHÃ



Dois aspectos dos prédios incendiados: *Visitas das ruínas, tiradas da praça do Município e da rua António Augusto de Aguiar*

PLANTAS RARAS

NAS ESTUFAS DA ESCOLA POLYTECHNICA



insistia em fazer-lhe com as maiores amplificações o elogio da raridade de qualquer insignificante planta, feia e ridícula.

—E' então muito rara esta planta? perguntou, já completamente saturado, o espirituoso romancista de *Sous les tilleuls*.

—Rarissima. Nem me consta que haja quem possua outro exemplar.

—Pois estimo isso immenso.

—Porquê? interrogou o maniaco, surpreso.

—Porque assim não terei o desgosto de tornar a vê-la. Mas, quando a planta rara tem merecimentos proprios;



Platycerios, felos de frondes ínteiras, lobadas, originarias da Austrália. O exemplar maior, de folhagem verde amarellada, é notabilissimo

Exemplo de *Phyllocactus*
e *Sobrer Opuntia*

O amor das plantas raras é um sentimento bem natural entre os apaixonados da floricultura, mas que chega, por vezes, a attingir o exagêro. Ha amadores que consagram a plantas despidas de todo o merito, simplesmente por serem pouco communs, disvellos e cuidados dispendiosos, e não fazem caso das mais bellas flores, que a natureza vulgarisou prodigamente para o encanto de todos os olhos. O jardineiro e escriptor Alphonse Karr satyrisou graciosamente semelhante mania em um dos seus livros mais amaveis, a *Voyage autour de mon jardin*. Visitando a colleção de outro horticultor, este



Nepenthes, orchidea carnívora.

As folhas contrahem-se quando qualquer insecto pousa nellas, aspirando-o

quando é uma formosa e perfumada flôr ou um elegante arbusto ornamental; quando é, por exemplo, uma orchidea das florestas intertropicaes, de fôrmas bizarras e coloridos variegados; então, n'esse caso, a sua raridade deve crescer, decerto, o apreço e o enthusiasmo que desperta aos cultivadores.

Por infortunio as plantas raras são naturalmente caras, e aos amadores que não são ricos só resta, portanto, o recurso de as verem e admirarem nos jardins e nas estufas alheias, o que é, aliás, bastante já para satisfazer os que tem o bom senso de se contentar com um prazer moderado. A estes recommendamos uma visita às estufas do Jardim Botânico da Escola Polytechnica, onde ha bastantes plantas bonitas e raras e admiraveis aspectos decorativos, dos quaes as photographias que acompanham este artigo darão uma idéa aos leitores da *Illustração Portugueza*.

Na estufa das orchideas estão, actualmente, varias especies em florescencia, sendo inutil insistir sobre o seu magnifico efeito. Todos sabem que as orchideas constituem uma das familias mais sumptuosas do reino vegetal, que contém milhares de especies, distribuidas por todos os pontos do globo. Temol-as tambem indigenas, mas as nossas orchideas portuguezas são bem diferentes, de natureza e de aspecto, das exoticas: todas ellas são terrestres, e as suas flôres pequenas, dispostas em espiga ou cacho.

A maior parte das especies tropicaes, pelo contrario, são tão notaveis pela grandeza, a fôrma exquisita e a riqueza de colorido das suas flôres, como pelo seu modo particular de vegetação. Quasi todas, de facto, são epiphytas, o que quer dizer que vivem suspensas dos troncos e ramos das arvores, sem, todavia, extrahir d'elles a sua alimentação, porque se contentam com a somma escassa de materias vegetaes em decomposição que encontram nas cavidades da madeira e nas fendas da casca, tirando do ar os restantes elementos nutritivos, especialmente a humidade.

Poucas plantas tem apaixonado tanto os amadores como as orchideas, e algumas das mais raras tem alcançado preços elevadissimos no commercio, principalmente em Inglaterra, onde o famoso ministro Chamberlain, por exemplo, é um dos mais entusiasticos orchidophilos. E' que na realidade estas extraordinarias plantas reúnem os attractivos mais excepçoes. As suas flôres, que



Nepenthes—(Uma Dominiana)

duram quasi sempre bastante tempo, apresentam coloridos de maravilhosa delicadeza e inesperada bel-

dos, que se encontram figurados e descriptos nos seus catalogos. A nova planta obtida nas estufas da Escola Polytechnica é, porém, um exemplar muito notavel, não só pelo vigor da sua vgetação e rapidez de crescimento, mas tambem pela sua opulenta e ininterrupta floração, que produz um effeito graciosissimo sobre o pé, compacta e elegantemente ramificado. As flores, que se assemelham ás do *Impatiens Holstii*, são de um magnifico vermelho vivo accentuado.

A segunda curiosidade a que nos referimos, e que vae representada na primeira estampa d'este artigo, é um enxerto de *Phyllocactus* sobre um caule de *Opuntia*, na occasião da sua floração. Todos conhecem uma planta carnuda e espinhosa, denominada usualmente *figueira do in-*



Impatiens hybrida Cayeuxii—(Planta nova, obtida por hybridação, este anno)

leza e as formas mais singulares que possa imaginar-se: de urnas, de moscas, de abelhas, de aranhas, de borboletas, de animaes ou coisas indeterminadas e estranhas. O seu perfume é, com raras excepções, de uma suavidade deliciosa e incomparavel. Mas, sem as vêr, sem as conhecer directamente, ninguem pode saber o que são as radiosas e brilhantes flores.

Além das orquídeas, as estufas da Escola Polytechnica possuem muitas outras plantas raras, que o feitto ligeiro de um artigo para uma revista d'este genero não permite enumerar. Não deixaremos, porém, de citar duas curiosidades interessantes, de que damos tambem reproduções photographicas.

A primeira é uma nova balsamina obtida este anno por hybridação pelo sr. Henry Caheux, o distincto jardineiro da Escola e escriptor horticola. O genero *Impatiens*, mais conhecido pelo nome vulgar de balsaminas, abunda em variedades, tanto de estufa, como do ar livre, e os horticultores estrangeiros teem, nos ultimos annos, lançado no mercado diversos hybri-

Aspecto da estufa grande. No vaso, um bello exemplar de *Thrinax elegans*, pequena palmeira originaria das Antilhas

ferno: é a *Opuntia*. Os *Phyllocactus* são plantas gordas, originárias do México, de que ha numerosas variedades, e que costumam florescer de maio a

setembro, apresentando flôres soberbas, vermelhas ou côr de rosa, que chegam a medir 10 a 15 centímetros de diametro. O *Phyllocactus* enxertado na estufa da Escola estava em flôr o mez passado, conservando abertas duas lindas flôres quando o photographámos.

Para os que não teem a felicidade de possuir um jardim, e n'esse jardim estufas frias e aquecidas, para podem constituir n'ellas artificialmente o meio apropriado a vida das plantas de outros climas, garantimos, pois, que uma visita ás collecções do Jardim Botânico lhes proporcionará um agradabilissimo prazer. Lá encontrarão preciosas plantas, que ao merito da raridade, bem insignificante para a satisfação da vista, alliam o superior encanto da belleza das suas folhas ornamentaes, como as begonias, ou a graça inenarravel do seu colorido e da sua suavidade, como as orchideas.

Hoje falamos das estufas; justo é que, por sua vez, tratemos tambem do jardim e das plantas do ar livre, o que desde já fica prometido aos nossos leitores para outro artigo.



Um recanto da estufa das orchideas—Grupo de orchideas exóticas em floração

BELLAS ARTES



*E a sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria d'ão, porque mandou,
E com títulos novos se illustrou.*

LUCIADAS—Canto X.—CXLIIV.

*... é por certo a terra que buscaes
a verdadeira Índia, que apparece;
e se do mundo mais não desejaes,
o trabalho longo aqui fenece.*

LUCIADAS.—Canto VI.—XCIII



Os quadros de Malhõa para o Museu d'Artilheria

*Vê-lo, cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e pa'no
Porque não quiz o moço sugar-se,
Como elle promettera ao Castelhano.*

LUCIADAS—Canto VIII.—XIV.



*Para servir-vos, braço de armas feito:
Para cantar-vos, mente de Musas dada...*

LUCIADAS—Canto X.—CLV.

LÁ POR FÓRA



DOM JOSE NAKENS

O ATENTADO CONTRA OS REIS DE HESPAÑA. — Teve o seu desenlace nos tribunales de Madrid o drama do anarchista Morral, que em maio do anno passado lançou sobre a carruagem dos reis de Hespanha uma bomba de dynamite. Morral suicidou-se, quando a policia o perseguia; mas a justiça prendeu como seus cúmplices o grande publicista José Nakens e Francisco Ferrer, director da Escola Nacional de Barcelona, individualidades conhecidas pelas suas idéas avançadas. Outros individuos foram presos e tambem julgados. Nakens e Ferrer eram, porém, as duas figuras predominantes do acontecimento. A policia tinha

sobre elles uma vigilancia especial. Do carcere para o tribunal, mesmo dentro da carruagem celular e bem guardados, os dois accusados levavam algemas nos pulsos.

O julgamento durou dias e semanas, tendo em alvorço todos os que se interessavam pela sorte dos dois revolucionarios. Correspondeu a sentença ao sentimento geral? Não, por certo; porque, ao passo que Ferrer era absolvido, o tribunal condemnava Nakens a 9 annos de prisão celular. Parece, porém, que o indulto se não fará esperar e que o velho combatente viverá ainda os seus dias de liberdade, ao lado de sua filha, que não o tem desamparado um só momento.



DOM FRANCISCO FERRER

A MODA



AS MODAS D'ESTE VERÃO

Vestido em tulle vieux rose com applicações bordadas. Figurino da casa Béchoff-David especialmente destinado à Illustração Portuguesa

(PHOTOGRAPHIA FÉLIX)

A MODA



AS MODAS D'ESTE VERÃO

Vestido de gaze Pompadour com casaca de tafetá mordoré bordado. Figurino da casa Margaine Lacroix especialmente destinado á Illustração Portugueza

(PHOTOGRAPHIA FÉLIX)

223

A seda suíssa

É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidas e blusas:

Echizen, *taffetas de lustro*, *Louisine* para do dia, *Mussoline* 120 cm. de largura desde fr. 1,25 o metro, em preto, branco, lizo e plustacia, assim como blusas e vestidos em *batiste bordado*.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & C.^a
LUCERNE Z. 19 (SUISSA)
Exportação de sedas



Seios

Desenvolvidos, reconhecidos, altamente recomendados, fortificados com

***** as *****

Pilulas Orientaes

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum a saude. Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratle, Ph. S. Passage Verdun, PARIS. - Franco com instrucções. **1500 rs.** Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C.^a, 39, R. Augusta, LISBOA**

Nestlé

FARINHA LACTEA

36 medalhas de OURO incluindo a coterida na Exposição Agrícola de Lisboa

Preço 400 réis

Nestlé

Livro de ouro da mulher

A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas
Premiado na exposição de Leipzig de 1904

Pela Doutora ANNA FISCHER DUCKELMANN

Traduzido e adequado pelo Dr. ARDISSON FERREIRA
Medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

OPERA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA, ITALIA, RUSSIA E HESPANHA

CENTENARES DE GRAVURAS — LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas **60 réis**. Tomo de 80 paginas **300 réis**

Pedidos à antiga

CASA BERTRAND 73, R. Garrett, 75 LISBOA

Centenares de gravuras

Chromos lindissimos

Discos Simplex

nitidez e duração contendo o

Discos Simplex

siva de J. Castello Branco. Preços exceptionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. chinas fallantes. PEDIR CATALOGOS a

Simplex

Grande deposito de discos e maquina de J. Castello Branco

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

de double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO e MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos mellores auctores NACIONAES e EXTRANGEIROS. Marca registrada, propriedade exclu-

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros (postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza)

A Companhia La Union y el Fenix Espanol, rua da Prata, 59, 1.^a, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

DIRECTORES EM LISBOA:

LIMA MAYER & C.^a

55 RUA DA PRATA, 59, 1.^a — LISBOA 55

O CONCURSO DA PRIMAVERA E O CONCURSO DE 1908

OUTRO CONCURSO PARA O ANNO com premios valiosissimos, entre os quaes figuram **UM CHALET, DOIS AUTOMOVEIS, UM YACHT**, uma excursão á Ilha da Madeira em navio expressamente fretado pelo "Seculo", e outras excursões a paizes estrangeiros, etc.



Cumpre-nos annunciar aos leitores da "ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA" que cortaram os bichos da nossa revista, e que assim concorreram ao CONCURSO DA PRIMAVERA, ha pouco encerrado, a grata noticia de que **ficarão todos interessados no novo concurso d' "O SECULO"**, que se realisará no proximo anno, e que teem, portanto, garantido desde já um premio n'elle, ainda mesmo que tenham a sorte de ser premiados no sorteio do actual. O que é preciso para isso? Muito pouco e coisa bem simples, como vae vêr-se:

D'hoje em diante e até ao fim de dezembro proximo, publicará a "ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA", hem como "O SECULO" e o "SUPPLEMENTO HUMORISTICO", em todos os seus numeros, COUPONS eguaes aos que hoje começamos a inserir, os quaes os nossos concorrentes se limitarão a recortar e a collar em cadernetas speciaes que lhes serão fornecidas gratuitamente nos nossos escriptorios, ou, preferindo-o, em qualquer caderno de papel commum.

Uma vez uma d'essas cadernetas ou caderno cheio, isto é, quando contenna 200 COUPONS recortados de qualquer das publicações indifferente mente, a respectiva apresentação, conjuntamente com a senha que receberam em troca de cada colleção de bichos entregue agora (tenha o respectivo numero sido ou não premiado no sorteio), dará direito ao apresentante a receber uma nova senha para o CONCURSO DE 1908, ou seja ao BRINDE GARANTIDO.

Todos os concorrentes serão premiados sem excepção